

O AUTÔMATO

EDIÇÃO 02



MINICONTOS



Copyright © 2023

Todos os direitos reservados.



Edição e Diagramação: Allan F. F. Gouvea

Leitura crítica e preparação de originais: Marieddie e Thays Diniz

Revisão: Allan F. F. Gouvea

Capa: Allan F. F. Gouvea (com auxílio de IA)

Ilustrações internas: Allan F. F. Gouvea e Thays Diniz (com auxílio de IA)

Autores: Allan F. F. Gouvea, AnneSadWalker, Biana Vendramini, Camila A., Carol Soares, Cássia Amalice, Ellen Fernandes, Flávia Sanchez, Joalison Silva, João Neto, Manu Silva, Maria Fernanda Gonçalves, Mariana Santos, Marieddie, Silva Writer, Thays Diniz

Sumário

Editorial

Os dados da sorte - João Neto

Fazenda Santa Clara - Thays Diniz

O cheiro das flores em minha cela - Allan F. F. Gouvea

O Último Romântico - Marieddie

Elogie a Corrente Prateada - Mia Oak Oliver

Um Otário no Enem - Silva Writer

Morto não publica - Maria Fernanda Gonçalves

As Últimas Palavras Não Ditas - Biana Vendramini

Blusa Amarela - Cássia Amalice

Eu vejo você - Camila A.

Toda magia tem um preço - Aline S. M.

Era uma vez um inseto - Flávia Sanchez

Escola de Loucos - Mariana Santos

O coven da Árvore Torta - AnneSadWalker

Uma última dança para Rosinha - Manu Silva

Flash - Joalison Silva

Saturno - Ellen Fernandes

Impura - Carol Soares

Editorial

Olá, leitores, sejam muito bem-vindos à segunda edição d'O Autômato. Após uma estreia cheia de terror e suspense, estamos motivados a apresentar um novo capítulo da nossa jornada, por meio de histórias intensas, mas compactas: os minicontos.

Nesta etapa de nossa caminhada mergulhamos na profundidade de histórias breves, desafiando nossos próprios limites e explorando o poder da concisão na narrativa. No entanto, é necessário explicar o que nós da edição da revista entendemos como minicontos. Em primeiro lugar, não há uma definição exata para o conceito; diferentes minicontos – também chamado de microcontos – podem apresentar quantidades variadas de palavras, dependendo de quem os escreve e/ou define. Existem minicontos de trezentas palavras, outros de apenas cinquenta, mas sempre buscando contar uma narrativa de forma sucinta.

Para esta edição, estabelecemos que os minicontos teriam no máximo mil palavras, sem um limite mínimo. Deste modo, buscamos selecionar histórias de tamanhos diversos, contudo, essa variedade poderia criar uma incoerência estética na revista, visto que os leitores encontrariam, por exemplo, um conto de cento e cinquenta palavras seguido por um de setecentas, ou o inverso, o que poderia causar estranheza pela falta de uniformidade na extensão das narrativas.

Para contornar este problema optamos por ordenar os contos de forma ascendente: começando a edição com o conto mais curto e a terminando com o mais longo (este, por sua vez, ultrapassando levemente o limite estipulado). Portanto, cada conto apresentado é, invariavelmente, maior que o anterior. Essa disposição proporciona uma sensação de crescimento e desenvolvimento narrativo. Os minicontos mais curtos são como pequenas doses da intensidade que queremos transmitir, enquanto os mais longos oferecem uma imersão mais profunda em narrativas mais complexas.

Importante ressaltar que a lógica apresentada nada tem a ver com qualidade dos textos; cada conto possui sua profundidade dentro das medidas que se propõe a ter. No mais, esperamos que cada um disposto a conhecer nosso trabalho possa se entreter com nossas palavras. Boa leitura!

Equipe O Autômato

ALERTA DE GATILHO

Os contos publicados nesta revista possuem gêneros e temáticas diversas, entretanto, alguns deles tocam em assuntos delicados como violência, morte, tortura, abuso sexual e consumo de drogas ilícitas, não sendo, portanto, indicados para menores de dezoito anos. Recomenda-se critério ao leitor.

Sobre o uso de imagens

Algumas das histórias estão acompanhadas por ilustrações geradas por inteligência artificial e editadas pelos organizadores da revista, não havendo vínculos de direitos autorais relacionados a terceiros.

Os dados da sorte

Por João Neto

Há coisas sobre os orcs que você só descobre quando tem o azar de ser capturado por eles. Uma dessas coisas é a paixão desses povos por jogos de dados.

Daqui vejo, reunidos próximos à fogueira, alguns desses jogadores. Um deles, hoje sei, chama-se Grumak. Ela é uma orc jovem, forte e uma guerreira formidável – isso eu sei na pele.

Quando ela me trouxe para cá eu a amaldiçoei. Agora, vendo-a jogar dados com as crianças de sua espécie, ela parece inofensiva... eu diria até maternal e protetora.

De repente, um grito. Pela cara de incredulidade de seus adversários e pela expressão de alegria no rosto de Grumak, parece que ela teve um lance de sorte.

A orc solta uma gargalhada e olha em direção à minha cela. Descontraída, ela ergue o dado e mostra a face para mim: ela tirou um seis.

Minha boca, vazia e ainda ensanguentada, se esforça para responder com um sorriso.

Ao que parece, meus dentes fizeram bons dados. Grumak venceu a partida.

João Neto é professor da Rede Estadual do Espírito Santo. Descobriu a literatura através da coleção Vagalume e apaixonou-se por ela quando entrou em contato com os universos fantásticos de Artemis Fowl, Harry Potter e O Senhor dos Anéis. Na universidade, mergulhou na literatura brasileira e no estudo da produção crítica. Produziu crítica cultural entre 2010 e 2017 e histórias de fantasia durante a pandemia. Largou tudo pra pintar bonequinhos.

Instagram: [netojpv](#)

Inkspired: [netojpv](#)

Fazenda Santa Clara

Por Thays Diniz

AVISO: as ideias expressas neste conto refletem a cultura e pensamentos da personagem, com os quais nem a autora e nem os organizadores da revista compactuam, não havendo a intenção de ofender ninguém.



Ilustração por: Thays Diniz (com auxílio de IA).

Sentiu as pedras frias abaixo de seus pés, o líquido viscoso escorria deixando um rastro escarlate pelo chão. Conhecia cada centímetro daquelas terras, e obrigava-se a percorrê-las dia após dia em uma eterna procissão.

Cruzava os doze salões que o tempo havia deixado suas marcas nas paredes, tornando-as descoradas. Os raios solares atravessam as janelas, mas nem todas elas, banhando sua face descarnada e marcada pelas lágrimas.

As vozes das damas e cavalheiros ecoavam pelo ambiente. As gargalhadas das crianças e o choro do bebê que seu ventre fora incapaz de gerar. Aquelas vozes sempre a lembrá-la da sua desdita, de ter sido amaldiçoada com um ventre seco, enquanto suas escravas, seres sem alma, procriavam com a facilidade dos animais.

Pela senzala ela caminhava escutando o choro e lamúria das mães separada dos seus filhos. Poderia Deus ser tão indiferente à sua dor? Tão condescendente com aquelas vis criaturas enquanto a punia com tamanho ardor.

Pela masmorra ela andava, indiferente às vozes abafadas pela dor. O zunido do chicote a cortar o ar, do facão a riscar os ossos e dos dentes a se estilhaçar. A única coisa que ela rogava aos céus era por uma criança que pudesse amar.

Pelos cafezais ela procurava o homem que foi incapaz de amar. Os frutos apodrecidos cobriam o chão e a relva invadia a lavoura. As plantas cresciam em descaso, servindo de alimentos às pragas, como seu ventre servia de alimentos aos vermes.

Na capela a baronesa se ajoelhava em frente ao altar, com a profunda esperança de ouvir as vozes dos anjos a abençoar o seu ventre, para que pudesse gerar o herdeiro da família Fortes.

Thays Diniz, natural de Minas Gerais, é uma escritora amadora que dedica esforço ao seu hobby. Seu talento e dedicação foram reconhecidos ao conquistar a medalha de prata no concurso de escrita "Mitologia Grega" no renomado site Inkspired, com o conto "O mal do século XXI". Também é uma atenciosa ouvinte de causos e apreciadora de boas prosas. Seu lar são ficções voltadas a tragédia e o dramático.

Inkspired: [Thays Diniz](#)

O cheiro das flores em minha cela

Por Allan F. F. Gouvea



Ilustração por: Allan F. F. Gouvea (com auxílio de IA).

Eu sinto a brisa em meu rosto, enquanto vejo por entre as frestas um beija-flor se alimentar com o néctar de uma camélia. Experimento o cheiro doce da flor conduzido pelo vento, se misturando ao odor ferroso das grades que me cercam. Respiro o ar, não mais puro, o único que me é permitido atrás destas barras metálicas.

Eu sinto o calor do sol tocar em mim, enquanto ouço o canto de um canário dourado pousado nos galhos de uma árvore. O som é reconfortante, mas triste. Faz-me lembrar de como era estar do lado de fora, nos bons tempos, quando eu ainda era livre. Movimento-me de um lado ao outro, na esperança de fugir, mas encontro apenas barreiras intransponíveis, e desisto. Esgoto as minhas forças dentro da jaula, assim como minhas esperanças.

Eu vejo pássaros-azuis e verdes comendo frutas maduras nas árvores próximas e lamento mais uma vez, por poder me nutrir somente quando meus carcereiros consentem, e com o que eles quiserem me oferecer – sempre o que eu não desejo, sempre aquilo que não me agrada e que eles acham ser o melhor para mim. Avisto também borboletas ao horizonte, atraídas pelas flores, indo ao encontro de seus companheiros de voo, para juntos formarem a belíssima aquarela de asas coloridas.

Eu ouço o assobio de um sabiá, silenciando o canto do canário e atraindo ouvidos alegres – dos grandes e dos pequenos –, encantados com a bela harmonia. Ouvidos pertencentes aos mesmos donos dos olhos que me observam do outro lado da minha cela. Humanos, como podem me olhar? Como podem me manter aqui quando eu deveria estar explorando o meu mundo? Como podem me tratar como um ser exótico e digno de ser admirado por estar preso? E como podem esperar que eu cante alegres canções neste estado?

Eu sinto o sol tocar minhas penas, sinto o odor das flores chegar ao meu bico, e respiro o ar ferruginoso, enquanto pouso minhas patas pequenas neste poleiro. Sob a égide desta condenação, eu recito meus tristes cantos de lamento, incapaz de me juntar aos meus semelhantes.

Allan F. F. Gouvea é natural de Belém do Pará. Formado em Geologia, também se dedica à escrita. Teve os contos “O Tormento de um homem morto” publicado na antologia Desespere-se (2021), “Assassinato no Baile de Máscara” na antologia Desafie-se (2022) e “A Conspiração a Vapor” na antologia Encante-se (2022), todas pela Qualis Editora, e também publica contos em plataformas independentes. Em 2023 ingressou na Academia de Letras de Ananindeua/PA (ALANIN) como membro fundador, ocupando a cadeira 20, cujo patrono é Carlos Drummond de Andrade.

Instagram: [allanfgouvea](#)

Amazon: [Allan F. F. Gouvea](#)

O Último Romântico

Por Marieddie



Ilustração por: Thays Diniz (com auxílio de IA).

Fui àquele penhasco ao menos cinco vezes antes.

Olhava para aquele pôr-do-sol magnífico, seu suave calor mesclado ao frescor do vento marítimo com cheiro salgado, o som do mar se chocando contra as pedras abaixo, tudo aquilo, em conjunto, fazia daquele momento quase mágico em todas as vezes que fui até ali antes, mas nenhuma dessas vezes se compara com a de hoje, o momento em que Sarah está aqui ao meu lado para testemunhar esse espetáculo.

Eu a convidei duas vezes antes, porém ela nunca aceitou meu convite. Acho que nunca acreditou muito que esse lugar era “tudo isso” que eu lhe dizia quando a visitava na lanchonete enquanto trabalhava. Mas não importa. Ela está aqui agora, ao meu lado.

O amarelo do sol pouco a pouco se transveste de um tom avermelhado. Seus raios suaves e mornos, agora quase frios, tocam e iluminam a face bela de Sarah, enquanto o vento se envolve em uma dança com seus cabelos longos.

E o som do mar... ah esse som... nunca no mundo compositor algum poderia compor algo tão revolto e calmo ao mesmo tempo.

Que canção... a mais bela de todas as existências, tenho certeza.

— Ah, Sarah, minha querida! Finalmente, com você aqui esse espetáculo se torna mágico por completo — falo tomando as mãos de minha mais doce companhia e beijo seus dedos com delicadeza.

Percebo, no entanto, quando meus lábios tocam seus dedos que ela está gelada, então aproveito o momento para lhe oferecer meu casaco, mas ela não o pega.

Claro que não pega...

— Ah, minha linda! Você sabe que não tinha outro jeito — olho para ela com minha mais genuína expressão de angústia enquanto ela permanece muda. — Você sabe que não tinha... foi você quem me disse qual era a única maneira de te trazer aqui. E eu queria tanto, Sarah! Queria tanto você aqui... você me entende! Sei que entende. — Sorrio para ela, deixo a angústia se diluir junto de uma crença de que posso contar com sua compreensão.

Acontece que ao abordar Sarah em seu trabalho para lhe convidar pela terceira vez, ela me disse que só viria comigo aqui morta.

Foi ela quem disse, sabe! Foi ela quem me deu a solução.

Eu queria muito que ela viesse.

Muito mesmo.

Não tinha outro jeito.

E, sabe? Ela bem que tinha razão: morta ela veio aqui comigo.

Ela, finalmente, pôde participar desse incrível espetáculo que tanto me enche os olhos.

— Espero que tenha valido a pena, meu bem — digo lhe direcionando um sorriso gentil e cheio do amor que sinto por ela. — Bom, mas agora está escurecendo, é hora de ir.

Tomo Sarah em meus braços com um pouco de dificuldade – é incrível como alguém com um corpo tão pequeno pode pesar tanto quando sem vida – e me aproximo da beira do penhasco, então a jogo para que seu corpo se misture ao mar. Não qualquer mar, não qualquer penhasco, mas o meu favorito no mundo inteiro.

Meu canto solitário no mundo agora terá sempre a mais doce companhia.

Esse lugar, hoje, se torna ainda mais especial. Se torna nosso lugar.

— Até mais, minha linda. Volto logo... — me despeço com o coração aquecido por saber que nunca mais estarei aqui sem Sarah.

Marieddie é uma paraense que vive em São Paulo. Eng. de Produção por formação e apaixonada pelo mercado editorial e seus frutos, tendo experiência profissional em uma editora/produtora universitária, além de ser leitora BETA em uma plataforma de publicação independente. Apaixonada pela beleza áspera do terror/horror e fantasia sombria, publica histórias e poemas em diversas plataformas de autopublicação independentes.

Instagram: [_marieddie_](#)

Inkspired: [Marieddie](#)

Elogie a Corrente Prateada

Por Mia Oak Oliver

Asfixiar...

Estrangular...

Enforcar...

Sufocar...

Estou sem ar, uma linda corrente prateada adorna meu pescoço. É pesada, é gélida, é curta demais para minha traqueia. Já não está lá, e eu continuo sem ar dizendo amém. Ninguém percebe. Eu não percebo. Finjo não perceber. Você finge também.

Asfixiar...

Estrangular...

Enforcar...

Sufocar...

Estou sufocando. Sobre meu peito ascendente, decadente, há uma pegada prodigiosa e inexorável. Ela me empurra sobre o chão. Não há nada sobre meu peito. Continue a pisar em mim. Eu não resistirei no fim. Eu te elogiarei de antemão.

Asfixiar...

Estrangular...

Enforcar...

Sufocar...

Enforcada. O que é a ausência de uma corrente prateada? Não é uma corda em torno do meu pescoço. É uma corda apertada – linhas espessas entrelaçadas fechando-se ao redor do meu corpo. Eles não veem. Está lá. Sempre esteve.

Asfixiar...

Estrangular...

Enforcar...

Sufocar...

Destras e canhotas esmagam uma garganta fina, estrangulam-na. Destras e canhotas feitas de aço. Destras e canhotas que são nada além de dor, dor para estilhaçar uma alma desesperada, para acariciá-la. É um aço maleável e camaleão. Invisível. É tudo invisível; tangível na primeira e última célula.

Asfixiar...

Estrangular...

Enforcar...

Sufocar...

Beije-me; beije-me e leve o oxigênio restante dos meus pulmões. Elogie e elogie. Ignore o âmago e namore a superfície. Ignore o âmago e namora a superfície. Asfixie-me em um beijo. Eu o beijarei de volta, e dançaremos em agonia.

Asfixie-me.

Estrangule-me.

Enforque-me.

Sufoque-me até que não reste mais nenhum meio de permanecer na dança de círculos. No ciclo. Ciclo infindo. Nada infinitesimal. Rendido, quer os elogios.

Eu irei asfixiá-lo.

Eu irei estrangulá-lo.

Eu irei enforcá-lo.

Sufocá-lo até que você não possa mais dançar nos círculos. Até que não possa mais estar no ciclo. Até que não suporte elogios. Até que jorre para fora do ciclo.

Elogie a corrente de prata, pise sobre meu peito decadente; esmague minha doce traqueia. Namore a superfície, e pressione a corda com mais força; esmague minha traqueia. Ignore o âmago, apenas beije a alma desesperada.

Nada existe além. Nada além do externo. Nada no interno, nada como o Inferno. Exceto quando no ciclo.

Já estávamos mortos se a sentença era girar o círculo.

Mia Oak Oliver, nascida na Capital, desde tenra idade buscou o conforto do mundo dos livros, da escrita e da imaginação como um todo. Histórias tais como Drácula, O Fantasma da Ópera e o Retrato de Dorian Gray, bem como todo o universo vampiresco de Anne Rice, fizeram pender a balança de seus gostos para a literatura gótica, e por isso ela constantemente se dedica a reimaginar o mundo numa paleta sombria. No resto de seu tempo, estuda Psicologia.

Um Otário no Enem

Por Silva Writer

Digamos que a vida seja um *game* nível *hard* e que, ao terminar o ensino médio, chega aquele momento em você se depara com um boss pior que a franquia inteira de *Dark Souls*: O Enem.

Alguns anos atrás, era a minha segunda vez. Como se fazer a prova não fosse o suficiente, eu não fazia ideia do curso que queria. E olha que passei por teste vocacional na escola, palestra, quiz da internet...

Mas antes disso, eu preciso mencionar que o Inep tem alguma preferência em mandar você fazer a prova lá na casa do *carvalho*, bem onde Judas perdeu as botas, a roupa e a vida.

Quando recebi meu local de prova, tive que partir para o Google Maps para descobrir onde diabos ficava. Quase saí de casa com uma bússola na mão. O negócio era tão distante que precisei pegar duas kombis para chegar naquela maldita escola no meio do mato. Meus amigos tiveram sorte de fazer as provas em faculdades, com ar-condicionado e tudo...

Eu? Fiquei numa sauna que mal tinha ventilação, e tinha apenas um ventilador e mal oscilava. Com o passar das horas, bom, o odor das axilas alheias ficaria mais acentuado que as questões de Português.

Bem, o trajeto foi tenso, mas finalmente chegou a hora da prova. Claro que eu levei algo pra manter o açúcar, um salgadinho, uns biscoitos e uma garrafa de H₂O (a água mesmo, não a limonada). Quanto à prova, eu já tinha treinado no ano anterior (não que tenha adiantado muita coisa).

Meu plano era começar a redação e ir intercalando com a prova de humanas, onde eu tinha mais afinidade. Atrás de mim havia um maluco que com certeza só foi lá pra comer. O tempo inteiro o desgraçado estava mastigando alguma coisa. Desde que ele havia sentado, colocou metodicamente um arsenal de doces, salgadinhos e biscoitos sobre a banca; eu me perguntava (além das questões) como os pais sustentavam aquele cara que

devia ter uma tênia na barriga. Não tem nada pior do que você querer se concentrar quando há barulho de salgadinho sendo triturado, seguido do inconveniente mexe e remexe nos pacotes abertos.

Quando faltavam cinco minutos para o fim da prova, eu quase esqueci de uma coisinha bem pequena, quase irrelevante: marcar as respostas no gabarito. O jeito foi correr para marcar as questões, embora o medo de errar a marcação do gabarito fosse tão gelado quanto a Rússia para os alemães na Segunda Guerra. (Hitler não aprendeu com Napoleão e tomou na jabiraca).

Pra encurtar a história, eu terminei a prova e a redação e até fui bem no primeiro dia. Já na prova de exatas... o negócio ficou mais feio que o Brasil levando de 7 em 2014, mais sofrido que o Jailson Mendes relaxando, mais triste que os fãs de Game of Thrones depois da última temporada...

Pois é... aqui jaz um otário de humanas. O pior é que eu não sabia o que queria da vida. História? Geografia? Ciências biológicas? Nem hoje eu tenho certeza. No fim, acabei não usando a nota e mesmo cursando uma faculdade hoje, me pergunto como seria se tivesse escolhido naquele ano.

Bom, boas provas a todos que ainda a farão, e boa sorte aos que já fizeram.

Silva é um mero entediado que vez ou outra escreve algumas coisas. Formado em acumular leituras, ouvinte de podcast e dependente de café. Possui alguns contos adaptados para audiobook em canais de narradores como "Conto Um Conto", "Domínio Público Audiolivros" e "Carlos Eduardo Valente". Atualmente, Silva se aventura como roteirista de quadrinhos, buscando expressar suas ideias de forma visual e cativante.

Instagram: [silva_verso](#)

Linktree: [silva_writer](#)

Morto não publica

Por Maria Fernanda Gonçalves



Ilustração por: Thays Diniz (com auxílio de IA).

Cristiano Batista suspirou, perdido. Já não sabia mais o que fazia da vida. Ao redor de si, não via mais apostilas, livros e fotocópias. Era tudo papel, que ele queria jogar pela janela só para ver as folhas voando. Ou, talvez, jogar folha por folha em uma fogueira só para ter o prazer de ver tudo queimando. O cheiro de fumaça que ele imaginava se confundia com o do próprio cérebro, já em brasa. Não importava se era um mestrado e nem se ele próprio tinha escolhido, por que diabos precisavam passar tantos trabalhos para fazer em julho? Não bastava uma redação de "como foram suas férias"?

O futuro mestre sentiu os olhos querendo se encher, ao mesmo tempo que ria e já nem sabia o motivo. Estava "*coringando*". Sequer sabia que horas eram ou quando tinha sido a última vez que bebeu água. Ou levantado. Ou ido ao banheiro. Nada disso realmente importava, pois precisava continuar. Seus trabalhos não se fariam sozinhos e...

— Chega!

A voz era baixa, mas resoluta. O mais velho queria ter reação, mas o laptop se fechou diante de si e sua mão foi puxada de qualquer jeito. Estava tão cansado que não tinha forças para reagir, apenas indo *letargicamente* para a cama.

— Jorginho, estava terminando o trabalho — Cristiano resmungou, quase infantil.

O mais novo, sem o menor sinal de comoção, respondeu:

— Que era sobre... — A entonação fazia parecer uma pergunta importante, mas, na verdade, Jorge Alves se preocupava com outra coisa. Do jeito dele, claro.

— Ahm... — O mais velho abriu a boca para responder, mas só conseguiu este som incoerente de quem não lembrava de nada — Mas você se importa?

— Claro que não — respondeu o mais novo, com um ar enfadonho, enquanto pegava o que precisava e improvisava uma meia luz.

Cris não conseguia perceber muita coisa, talvez apenas o ventilador virando em sua direção ou a cama gasta, mas ainda macia, que abraçou seu corpo completamente. Não conseguiu negar sua exaustão. Talvez aguentasse fisicamente, afinal, era um cara forte, entretanto, a cabeça não acompanhava mais.

— Ah! — Gemeu o mestrando, confuso com o creme gelado no pé direito.

As mãos de dedos longos e finos começaram a trabalhar no seu pé com total paciência e os gemidos foram inevitáveis.

— Dorme, amorzinho.

O jeito que chamou o mais velho foi proposital, é claro. Jorge não era dado a carinhos verbais e demonstrações de afeto, porém, o queria sorrindo e relaxando.

— Por quê?

— Porque você tá todo fodido — respondeu o mais novo, dando de ombros — Só não vai se acostumando, porque você tem que se cuidar. Se você não descansar direito, não vai produzir nada que preste. E sou eu que vou ouvir seu choro.

Cristiano conseguiu abrir os olhos e levantar as sobrancelhas, incrédulo.

— Não quero, ué. Não te quero choramingando, porque sou eu que vou ter que ficar ouvindo.

Cris riu. De todos os possíveis namorados no mundo, tinha que ter se apaixonado pelo novinho implicante que odiava situações melosas e possuía um jeito muito peculiar de demonstrar seu amor.

— Qual é o nosso lema?

— Pesquisador morto não publica a pesquisa — a resposta do mais velho foi pronta, o tom não escondia o sorriso.

— Ótimo. Não esqueça nunca disso. Agora vira. Vou passar a britadeira nessas costas duras feito pedra.

Desde que o mundo é mundo, Maria Fernanda Gonçalves é apaixonada por histórias em todas as suas formas, apreciando as narrativas alheias como leitora voraz, embora atualmente esteja não praticante. Conta histórias desde quando consegue falar, mas as documenta por escrito desde os 11. Ou tenta, pois já perdeu várias no caminho. Cada história finalizada é uma celebração e a partilha em forma de publicação é uma bênção. Escreve fanfics, geralmente, no momento presente as vítimas são os Stray Kids, grupo de k-pop que considera sua segunda família. Mas, às vezes, tenta um original aqui ou acolá.

Twitter: [OiFeeliixx](#)

As Últimas Palavras Não Ditas

Por Biana Vendramini

Permanecia na calçada do outro lado da rua a observar a casa à sua frente. Estranhamente encontrava-se completamente vazia, sem uma alma viva sequer. Não sabia como havia parado ali, a única coisa que possuía certeza naquele momento era que, de alguma forma totalmente inexplicável, estava de volta àquele cenário de seu passado, aquela bela e aconchegante casa de fachada verde que tanto adorava visitar em sua infância aos finais de semana e onde festejou com imensa alegria seus melhores aniversários, mas que atualmente não fazia mais parte de sua vida. Porém, ao elevar o olhar em direção à sacada de entrada, lá estava ela a observá-la. Era como se a chamasse apenas com os olhos, como se já estivesse esperando-a com um propósito. Seu coração passou a bater de maneira descompassada e uma vertigem consumiu-lhe o corpo à medida que suas íris amendoadas não conseguiam desviar o foco da pessoa que a aguardava na sacada.

Sabia que esta seria a última chance para falar-lhe tudo o que não pôde dizer em vida devido à sua partida inesperada. Mesmo com o turbilhão de sentimentos a privando de qualquer ordenação em sua mente, deixando-a sem ter a mínima ideia do que dizer, ela sabia que, de seus lábios, saíam as mais sinceras e puras palavras de seu coração. Inspirou e expirou o ar para dentro de seus pulmões na tentativa de afastar de seu corpo aquela sensação de receio e reuniu toda a coragem necessária para dar o primeiro passo e atravessar a rua. A cada passada de suas pernas, novas sensações e questionamentos lhe invadiam o íntimo. Parou em frente ao portão aberto, um tanto quanto hesitante em continuar. Não possuía ideia do que esperar daquele reencontro, entretanto, uma voz interior lhe dizia para seguir em frente. Os serenos olhos esverdeados permaneciam a esperar por sua chegada. Tomou mais fôlego e começou a subir a escadaria.

O último degrau marcaria o destino. Contudo, estava realmente preparada para finalmente lhe dizer adeus? Certamente não. Ninguém nunca está... Mas era necessário, sua última chance para fazê-lo mesmo que não quisesse pronunciar tais palavras. Quando

finalmente se viu frente a frente com ela, foi como se tivesse voltado ao passado, e a nostalgia dos bons tempos tomou conta de suas lembranças. No entanto, ainda se encontrava em certo estado de incredulidade.

— Vovó, eu... — engoliu a própria saliva tentando desfazer o nó em sua garganta e a forte palpitação em seu peito.

Antes que pudesse realmente dizer o que seus pensamentos lutavam para organizar em sua cabeça, a avó sorriu-lhe doce e puramente. Um sorriso com todo o amor que somente uma segunda mãe carrega em seus lábios. Naquele momento ela soube que não importava o que acontecera ou ainda estivesse por acontecer, tudo ficaria bem. Apesar a perda, tudo ficaria bem... Palavras não mais seriam necessárias, pois ela viu nos olhos de sua amada avó que esta já sabia tudo o que seu coração desejava dizer-lhe.

Entretanto, quando esticou a mão para tocá-la, a matriarca desfez-se em pó cintilante e, em seu lugar, restou apenas um envelope. Agachou-se tomando-o em suas mãos. Abriu-o, revelando uma carta, destinada à sua querida e única neta, com suas últimas palavras da voz mais profunda de sua alma. Porém, uma carta cujo conteúdo jamais conheceria, pois tais palavras ficaram para trás, presas no tempo e no universo dos sonhos quando foi forçada a abrir os olhos novamente.

Biana Vendramini é paulistana, amante da literatura e escritora contumaz desde 2015 dos gêneros fantasia, comédia, romance, drama, mas principalmente de terror e suspense que são seus favoritos. Possui contos publicados em revistas e antologias. Almeja instigar leitores, fazer a diferença na literatura brasileira e deixar seu legado na história através de suas palavras.

Instagram: [biana.vendramini](https://www.instagram.com/biana.vendramini)

Inkspired: [Biana Vendramini](https://www.inkspired.com.br/author/biana-vendramini/)

Blusa Amarela

Por Cássia Amalice

— Feliz aniversário.

Foi naquela frase que surgi, numa simples troca de sorrisos e carinho ao pôr do sol. Cecília tinha me comprado naquela tarde com ajuda de seu próprio esforço. Ela havia trabalhado todos os dias de meio período em uma lojinha durante o verão para juntar um dinheiro e poder presentear Cora com uma blusa. Sempre ouvi dizer que roupas não são presentes bons para se dar a alguém que você gosta. Cheguei a ouvir que esse tipo de presente poderia ser dado para alguém que você não gosta, como algum tipo de castigo, mas naquele momento, eu, uma simples blusa amarela, fui a melhor escolha de presente para Cora.

O dia inteiro foi frio, Cecília estava ansiosa e, ao mesmo tempo, preocupada, para encontrar Cora no final da tarde. Era o aniversário de dezesseis anos da garota de cabelos castanhos, mas também um dia marcado pelo recente falecimento de sua avó, que deixou um ar melancólico para sua mãe e ela. Por causa disso, Cecília a convidou para passar o final do dia juntas.

Às 18h30 as duas garotas se encontraram no estacionamento vazio do mercado que gostavam de se encontrar, um local que tinha um significado especial para elas devido à vista do pôr do sol em algumas épocas do ano, essa era uma delas. Elas conversaram sobre coisas fúteis enquanto olhavam para as casas mais ao longe do ponto alto em que estavam. Quando o sol já havia se posto e era possível ver estrelas pequenas surgindo no céu, Cecília achou ser uma boa hora de entregar o presente que tanto ansiava dar.

Lágrimas encheram os olhos de Cora antes dela puxar Cecília para um abraço confortante. A garota de cabelos ruivos e menor estatura, jamais imaginou que presentear Cora com uma blusa tão simples pudesse a fazer tão feliz, porém, naquele momento, sentiu que cada esforço valeu a pena. Tudo que causasse um mínimo sorriso em Cora era digno de ser repetido, e Cecília passaria por tudo aquilo de novo quantas vezes fossem necessárias para poder mantê-la feliz; isso eu podia sentir.

— Eu prometo que vou usá-la sempre, ela é minha nova roupa favorita. — Cora naquele momento só pôde dizer isso após uma sequência enorme de agradecimentos.

— Achei que ela combinaria direitinho contigo. É um amarelo bonito.

— Achou certo. Muito obrigada, Ceci.

Elas não disseram mais nada durante um bom tempo naquela noite, e sempre que se olhavam trocavam sorrisos doces. Apenas a companhia uma da outra já era o suficiente para restaurar completamente a energia que, aos poucos, haviam perdido durante a tarde.

Aquela foi a noite mais mélica que compartilharam.

Eu fui usada com carinho por bastante tempo, Cora fez bom uso de mim. O amarelo, depois de um tempo, começou a se desbotar, mas Cora não parecia se importar com isso. Todas as vezes, sem exceção, em que ela me vestia, Cecília abria um sorriso lindo e parava por alguns segundos de onde estava para admirar o desenho bonito que a blusa amarela contornava, ou melhor, eu contornava no corpo de Cora.

Minha história é bonita, no entanto, hoje eu sou apenas um detalhe esquecido. Cora não pode mais me vestir e Cecília, toda vez que me vê, não solta mais o sorriso bonito que antes vinha de imediato. Em vez disso, Cecília derrama lágrimas.

Não há mais o ar dulcificado de duas adolescentes felizes, e o afeto que fluía entre as duas garotas desapareceu. Hoje, eu sou apenas uma roupa velha esquecida no fundo de um armário preto e branco.

Cássia Amalice, nascida e criada em São Paulo. Se apaixonou pela escrita nas aulas de português do fundamental, com atividades que a faziam recriar histórias clássicas, transformando a história da Chapeuzinho Vermelho em um clássico filme de terror com apenas 8 anos de idade. Tem como paixão histórias que prendem, instigam e emocionam, gostos que vão do terror ao romance mais doce. Não espere nada além do óbvio, ela provavelmente não postará seus contos mais horríveis, não por falta de vontade, apenas por um bloqueio criativo interminável.

Eu vejo você

Por Camila A.



Ilustração por: Allan F. F. Gouvea (com auxílio de IA).

República Tcheca, 2021

O som do rádio se misturava ao da água batendo no telhado da casa, o *ploc ploc ploc* até combinava com a canção do The Police. Era o dia perfeito para um encontro e Karin sabia como ninguém deixar aquele momento especial, alguns diziam que ela tinha o dom de transformar o ambiente, mas a jovem replicava humildemente dizendo ser apenas dedicação nas pequenas coisas.

Karin rodopiou feliz pela cozinha, esperando a mistura de água e lavanda ficar pronta. O aroma já se espalhava pelo pequeno apartamento alugado na cidade de Praga, sua vontade era abrir as janelas para seus vizinhos sentirem o perfume, porém ainda não era hora, o bom das surpresas era a preparação e tudo tinha o momento certo. E a jovem era paciente, não havia motivos para ter pressa desse encontro, ou melhor... reencontro, afinal

se tinha outra coisa que Karin se destacava era saber o melhor momento para agir. Foram séculos de uma caça silenciosa que finalmente acabaria.

Aquele era o dia perfeito, pois o som da chuva do lado de fora disfarçava outro tipo de gotejar, e o aroma de lavanda encobria o cheiro férreo vindo do pequeno quarto habitado apenas por um homem adormecido. Seu sono era tão pesado que quando Karin abriu a porta ele nem se moveu da cama, nada parecia acordá-lo, nem o ferimento na cabeça manchando o travesseiro de vermelho.

— Tanith Loic — A voz de Karin era doce, apesar da sua doçura não chegar aos seus olhos verdes que irradiavam uma cólera silenciosa. — Acorde. — E como em um passe de mágica o homem despertou, porém, muito assustado. Ele se espremia contra a parede, olhando para todos os lados à procura de uma fuga, nem sequer ligando para o sangue de seu ferimento. — Não tem como sair daqui, já me certifiquei para que você não use seus poderes aqui.

— Você... — Ele rosou querendo parecer amedrontador, mas, na verdade, era o amedrontado.

— Está surpreso, não é? Eu também estaria se visse a única sobrevivente do clã que você fez questão de exterminar. — Ela dizia como quem contava sobre seu dia. — Parece que foi ontem. Tão louco por poder que achou que poderia se infiltrar no clero e nos denunciar para a inquisição.

— Eu não queria...

— Ah, queria. Eu fecho os olhos e vejo minha família... Todos na fogueira. Se eu ficar em silêncio posso ouvir o fogo queimando em carne viva todos que eu amava. Ainda escuto suas súplicas, seus gritos pedindo misericórdia, sem falar das moças que foram violentadas para “se libertarem do diabo em seus corpos.” Foi esse seu argumento, não foi?! — Ela andava calmamente pelo quarto, a saia verde roçando o chão.

— Karin, piedade...

— Foi o que você teve?

— Por que você veio agora? Quatrocentos anos depois.

Karin meneou a cabeça, os longos fios loiros balançando.

— Bom, acho que posso lhe dar mais uns minutos de vida. Eu queria ver o pavor no seu olhar, queria ver você enxergar a morte e saber que não terá outra escapatória, por isso esperei o tempo necessário, eu queria que fosse especial, sabe? Não é qualquer dia que posso matar um bruxo que teve coragem de acabar com seu povo.

Naquele instante, ela revelou uma adaga que sempre carregava. O bruxo, por sua vez, não conseguia se mover.

— Eu posso reencarnar...

— Reencarne quantas vezes quiser, estarei à sua espera. Você vivo, Tanith, é a motivação que preciso para te matar.

Era um belíssimo dia para uma retaliação, os vizinhos nem desconfiavam dos gritos, ou da adaga transpassando a carne do bruxo diversas vezes. Era apenas mais um dia chuvoso em Praga, acinzentando toda a cidade. Quando tudo acabou, havia apenas um corpo dilacerado, e um sorriso nos lábios salpicados de vermelho de Karin, que cantarolava, pensando em como limparia aquela bagunça.

Quando não está ensinando Defesa Contra as Artes das Trevas, ou inglês para a crianças, Camila mergulha no mundo da fantasia. Fã dos Beatles, ABBA e Taylor Swift ela está sempre disposta a conhecer novos mundos, desde que tenha um fone de ouvido e uma caneca de chá de hortelã por perto.

TikTok: [@avengertimelady](https://www.tiktok.com/@avengertimelady)

Toda magia tem um preço

Por Aline S. M.

As chamas da fogueira se erguiam altas e tremulantes, enquanto a mulher encapuzada dançava à sua volta, guiada pelo som do batuque do tambor que magicamente preenchia todos os cantos da floresta. A noite caía profunda e fria, e a lua cheia parecia sangrar no céu de tão vermelha. Enquanto as folhas das árvores farfalhavam, uma coruja solitária soltava um pio lamuriento deixando a atmosfera mais tensa e fantasmagórica, o ritual seguiu noite a fim e o dia começava a raiar quando o corpo do homem se reergueu.

Duas foram o total de vezes que o Rei Augusto desafiara os deuses. A primeira foi quando a rainha Celize ainda era viva e carregava em seu ventre o que seria seu primeiro filho homem. Após cinco filhas mulheres a chegada do herdeiro era vista com grande expectativa, mas a saúde da mulher já não era a mesma, e ela estava cada vez mais fraca à medida que a vida dentro de si se tornava cada vez mais forte. Curandeiras, rezadeiras e qualquer uma que pudesse ajudar foram chamadas até o castelo, mas nada parecia surtir efeito, e a pobre estava tão abatida e fraca que teria sorte se vivesse o suficiente para dar luz ao filho. Inconformado e incapaz de aceitar esta terrível sina, o Rei Augusto se agarrou ao último fio de esperança e foi atrás da única que poderia ajudá-lo. Segundo os boatos que corriam pelo povoado, uma poderosa feiticeira vivia em uma choupana embrenhada no meio da floresta e sua magia era tão forte que podia até mesmo trazer um homem de volta à vida. A mulher fora chamada às pressas ao castelo e ordenada a salvar a vida de ambos.

Toda magia tem um preço, explicara ela, vida só se paga com vida, e assim ela o fez, a vida do filho custara a vida da mãe, mas, enquanto segurava o pequeno Filipe nos braços o rei achou que era um preço justo a se pagar.

A bruxa deu início ao que seria uma cantiga de ninar, segundo ela era um cântico de proteção. "O príncipe será amado por todos e sua alma será tão pura quanto as águas de um riacho, sua vida, porém, será curta, tão curta quanto as chamas desta vela." sentenciou ela em um tom sombrio.

Três anos se passaram, o inverno chegara com força e, com ele, veio a gripe, acometendo a saúde do pequeno príncipe, e pela segunda vez o rei desafiou os deuses e novamente a mulher foi chamada, e a vida da pequena e delicada Isabella foi tomada em troca da do irmão.

Filipe cresceu forte e saudável, e, como a feiticeira previu, ele era amado e adorado por todos. Foi com dor no coração que o rei se viu obrigado a deixar seu filho crescer longe de seus olhos e vê-lo chamar outro de pai, mas estava satisfeito e grato por ele estar vivo. As palavras da bruxa se mostraram uma grande mentira, em breve o filho se tornaria rei, e Augusto garantiria pessoalmente que ele tivesse uma vida longa ao lado de uma bonita mulher e cercado de filhos e netos, mesmo a vela que representava a sua vida queimando cada vez mais rápido.

E agora, pela terceira vez enquanto se prostrava de joelhos no chão implorando pela vida que lhe fora tirada, o rei Augusto desafiara os deuses uma última vez. Se os deuses viraram as costas para ele, Augusto faria o mesmo, e enquanto fitava a fogueira ardente, as chamas lambendo o corpo da adorável garota vestida de cisne, ele se sentiu vitorioso, o seu canto se tornava a canção mais linda que ele já escutara ao longo de seus quarenta e sete anos.

Fiama lhe prometeu a "morte se paga com vida", e o preço era alto demais, e o rei Augusto também se pôs a cantar...

Aline S. M., Line para os mais chegados, 29 anos, paulistana formada em administração. Atuante nessa área desenvolveu seu amor pela escrita ainda na infância quando criava suas próprias versões dos contos de fadas. Tem como inspiração a literatura fantástica e seus romances fracassados.

Wattpad: [Aline Silva](#)

Era uma vez um inseto

Por Flávia Sanchez

Era uma vez um inseto, mas não qualquer inseto. Era um inseto com consciência de si. Embora nem tão consciente assim, era detentor de um pensamento capaz de lhe dar o pleno discernimento de existir, porém não o privilegiava com a capacidade de compreender a natureza de sua significância – ou a falta dela.

Ele era um inseto por pronto direito, mas não qualquer inseto. Era desse tipo que refletia a respeito do sentido de sua existência e essência, enquanto trilhava seu caminho em busca de respostas complicadas demais para o limitado senso lógico recebido na sua concepção. Talvez fosse o único espécime desse tipo de inseto.

O inseto se esquecia, contudo, que insetos não tinham essa coisa de pensar, pois se tinham, certamente não eram insetos. Então, o que ele era, afinal? Qual a natureza de um ser que habitava o corpo de um inseto, mas com o poder de ter ideias? O inseto não sabia.

Sendo, entretanto, um ser vivo teimoso, manteve sua busca. Desejando conhecer a si próprio, se despiu de sua casca e olhou em seu interior. Viu-se seco e cadavérico, um resto de matéria. Sentiu frio em suas asas e quis voar para esquentá-las, mas já não eram asas fortes como a de um mosquito. Eram asas quebradas e doloridas, dessas que tornam o voo uma tortura insuportável. Então não voou.

Ele era um inseto que não era inseto, uma espécie contrária à evolução, uma anomalia que desafiava os costumes da seleção natural. Era seco e atrofiado para ser um inseto. Era excêntrico demais para ser ou se encaixar em qualquer coisa. E era esperto o suficiente para não se incomodar.

De tanto bancar o inseto pensante, chegou ao momento em que tudo aquilo que dava como certo, estava errado. Seu mundo fora construído dentro do único pensamento de ser um inseto, mas a sua teimosia em pensar no sentido do ser o fez questionar cada vez mais se era realmente um inseto, e logo não sabia mais o que era.

Enquanto procurava um espelho para confirmar sua imagem, descobriu que não a tinha. Ele era uma criatura disforme, sem par ou semelhantes. Mais uma vez tentou voar, decidido a ignorar a dor das asas quebradas, porém elas acabaram se desfazendo com a falta de matéria definida. De um momento ao outro não tinha mais asas e nem corpo, havia sido transmutado em inexistência, e sua busca pelo sentido de existir era o que tinha provocado toda essa mudança.

O inseto, então, tentou de todo modo trilhar o caminho de volta, entretanto o trajeto também fora desfeito com a caminhada e, quando não há pegadas ou rastros, voltar se torna um sonho utópico e impossível, um pesadelo vivo, principalmente para um inseto solitário.

Só lhe restava prosseguir para descobrir o que era, até então sabia que não era inseto, não tinha asas, nem havia matéria no que julgava ser corpo, nem imagem no que teria como concreto e, sendo somente um pensamento inseto oriundo da mente medíocre de alguém, tentara alcançar com outros olhos a luz de qualquer outra coisa, no entanto, à sua volta nada existia além dele mesmo, tudo era incerto. O inseto que antes era algo agora já não era nada, caíra sem saber nesse devaneio sobre a razão de sua existência.

E concluiu que era de fato um inseto. Mas não qualquer inseto, era desses tipos asquerosos que não valem nem o esforço de uma pisada, e que se recorre à vassoura para esmagar. Assim, entristeceu-se o inseto, ele não queria a vassoura, pois mesmo sendo apenas um inseto, ansiava por um esmagamento com contato direto, que julgava ser mais honroso. Portanto, com sua nem tão incrível competência de pensar, elaborou seu plano *insético*: aguardou o primeiro transeunte passar e pôs-se em seu caminho. Se era um inseto e a razão de ser inseto é ser esmagado, que fosse pelo pé, não pela vassoura, tampouco pela sandália.

Flávia Sanchez, natural de Bragança/PA, é psicóloga e professora de educação Física. Durante seus estudos universitários, em ambas as áreas, atuou como revisora ortográfica de artigos e trabalhos acadêmicos. Também já se dedicou a diversos trabalhos voluntários em sua cidade natal, contribuindo para o bem-estar da comunidade. No mundo da escrita, encontrou sua voz como autora independente, publicando suas obras em plataformas literárias.

Escola de Loucos

Por Mariana Santos

LÍVIA

A escola é um grande treinamento para a vida adulta. Você acorda cedo, vai para um lugar contra a sua vontade, cinco dias por semana, e ainda por cima tem que lidar com gente chata e sem noção. Exatamente como a anta sentada uma carteira à frente dela, na fileira ao lado.

Lívia encarou mortalmente a nuca de Pablo. Enquanto ela fazia o possível para se manter acordada naquela aula de física, Pablo não precisava de estímulo nenhum. O garoto parecia muito feliz resolvendo questões cheias de letras onde deveria haver números. Lívia estava tranquila com isso, pessoas estranhas existiam em todo lugar; o que estava deixando-a louca era a música.

O funk vazava dos fones de Pablo com um som estourado. A mercadoria vagabunda fazia com que, além do proprietário, a fileira ao lado também escutasse aquela agressão sonora.

Lívia mordiscava o lápis verde, olhando para a própria folha de papel com as questões esperando para serem resolvidas. Porém, em vez de resoluções, a folha tinha flores nas extremidades e um olho desenhado ao lado da data.

Concentra, Lívia!

Ela era capaz de resolver o exercício, mas precisava de paz e silêncio para pensar. Em vez disso, ela tinha um MC aleatório dizendo que ia *sarrar* na novinha em plena 10h18 da manhã.

Lívia concluiu que não seria ruim se um asteroide caísse exatamente na cabeça de Pablo naquele momento. Além de ouvir baixaria em péssima qualidade, o garoto estava assobiando junto. ASSOBIANDO!

Se ela tivesse super poderes, a nuca de Pablo já estaria queimada pelo olhar fixo e irado que ela lhe lançava. Os olhos arregalados acompanhavam cada mínimo movimento que o lápis fazia, riscando o papel, cada vez que ele movia a cabeça numa dancinha.

Olhou para o estagiário, encarregado da turma enquanto o professor estava ausente. O homem de meia-idade estava largado na cadeira de rodinhas do professor, olhos pregados no celular e, eventualmente, olhando para os alunos.

Lívia decidiu encará-lo como uma coruja.

Surtiu efeito. O homem encarou-a de volta, unindo as sobrancelhas. Ela intercalou o olhar entre ele e Pablo, sempre de olhos arregalados.

E então, ele fez o que todos os adultos fazem quando um adolescente precisa deles: nada. O homem voltou sua atenção para o celular e deixou Lívia com seu incômodo insano.

Ela odiava Pablo com toda sua força. Odiava física. Odiava funk. Odiava aquele estagiário. Odiava até mesmo o camelô que vendeu aquela porcaria de fone.

Irritada, mastigou a ponta do lápis com mais afinco.

Sentiu o gosto amadeirado do lápis na boca quando, com um "*creck*", ela quebrou um pedaço dele. Além de estragar seu dia, Pablo conseguiu estragar seu material escolar também. Aquele maldito.

Movida pelo ódio, jogou na direção dele o fragmento do lápis recém-quebrado. Acertou em cheio a nuca de Pablo, que deu um pulo e imediatamente olhou para trás.

PABLO

Ele nem precisou procurar pelo culpado. Olhando para ele como um... Pablo não sabia descrever bem, Lívia o encarava como aquelas crianças possuídas dos filmes de terror, prontas para atacar. Largou o fone com o celular na mesa e perguntou à garota:

— Tá bem?

Os olhos de Lívia permaneceram fixos. *Namorazinha*, aquela menina estava dando medo. Era uma patricinha bonita, mas com jeito de doida.

— Ô, Lívia, tô falando contigo. Fala comigo, mina.

— E é pra falar agora, Pablo? — disse uma voz à sua frente.

— Ihh.

O professor havia retornado e ele nem tinha percebido. Ajeitou-se na cadeira abrindo um sorriso para o Seu Fábio, que estava com o celular e o fone nas mãos.

— Ah, *fessor*, dá aí. Vou guardar

— Eu guardarei melhor. Vai ficar na minha mesa até o final da aula — disse e seguiu olhando atentamente para a fileira de Pablo. — E fica avisado, se eu pegar mais alguém com celular na aula eu vou tomar!

Pablo examinou Lívia de cima a baixo, mas ela já tinha virado a cara para o caderno. Garota estranha. Havia perdido o celular por culpa dela.

Escola era foda. Tinha cada estranho que era obrigado a aturar.

Mariana Santos, natural do interior paulista, é uma bibliotecária que encontra alegria tanto em suas viagens reais como nas aventuras que descobre nos livros. Estuda biblioteconomia, jornalismo e pedagogia; todas ao mesmo tempo. A sua alegria, no entanto, reside no momento em que as pessoas adentram os mundos que ela cria através de suas palavras escritas.

Instagram: [biblio.lugar](https://www.instagram.com/biblio.lugar)

O coven da Árvore Torta

Por AnneSadWalker

AVISO: este conto contém cenas delicadas, como abuso sexual e tortura, algumas envolvendo menores, e podem causar desconforto em leitores mais sensíveis. No entanto, nenhuma dessas cenas é romantizada.

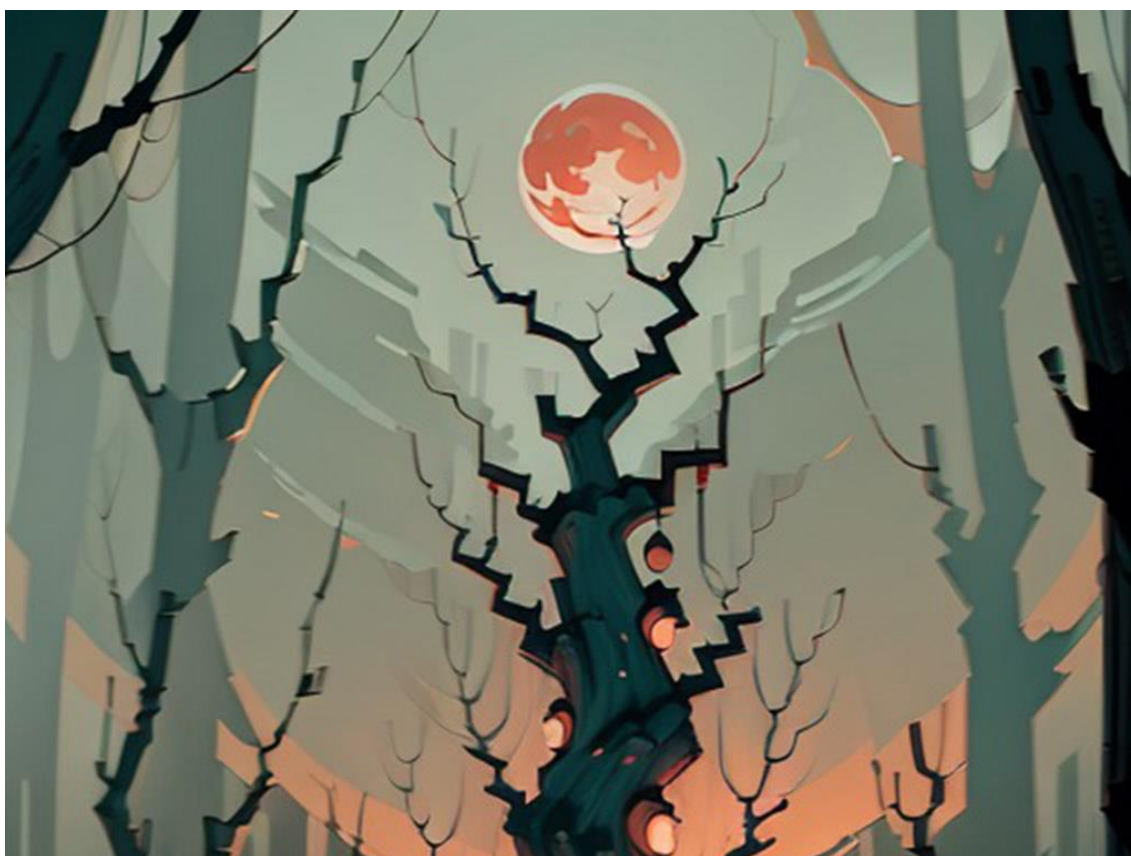


Ilustração por: Thays Diniz (com auxílio de IA).

No coração da floresta, assim que o último raio de sol tocou o horizonte, as irmãs se reuniram ao redor de uma grande pira de chamas ardentes. A líder, com o punhal na mão, chamou a atenção de suas irmãs.

— Celebrai, irmãs, hoje será a primeira de muitas das noites mais escuras! — A anciã disse e as mulheres gritaram:

"Noites mais longas tornam as trevas mais fortes."

— Sim. Tornam, e é por isso que estamos aqui hoje. Nosso senhor deseja um sacrifício de sangue... e de alma.

Todas as doze bruxas do coven se calaram. Um sacrifício de sangue era simples de ser feito, mas um sacrifício de alma exigia um ritual diferente. Era ainda mais profano e tinha que ser feito sob a luz vermelha da lua de sangue que já despontava no céu. Sangue de animais, caçadores, jovens virgens ou grávidas não funcionariam como oferenda esta noite.

— Irmãs, devemos cantar. Cantar para que as camas das criancinhas macias e suculentas piniquem, para que elas levantem e ouçam nossa música!

Todas as mulheres então formaram um círculo ao redor da fogueira, tiraram suas vestes e as lançaram ao fogo.

"Da terra viemos a ela retornaremos". Todas disseram em uníssono enquanto sujavam seus corpos com areia e cinzas. "Ao nosso senhor oferecemos nosso prazer".

Todas as mulheres se despojaram juntas sobre o chão, emaranhadas, trocando carícias e toques molhados até atingirem, uma a uma, seu ápice.

"Ao mestre que já possui nossa alma, oferecemos nosso sangue". Todas juntas cortaram seus pulsos e deixaram o sangue rubro pingar sobre o fogo.

— Podem trazer o homem — a anciã cuspiu no rosto bonito do jovem rapaz, louro e com grandes olhos de corça assustada. Ele se debatia e esperava preso no fundo da carroça. Quando foi jogado no chão, tentou correr, mas foi capturado pelas bruxas nuas.

Elas o despiram e mancharam sua pele alva e virgem de sangue, mantendo somente as amarras e a mordança.

"Ao nosso senhor oferecemos parte de nossa carne". Elas, uma a uma, abusaram do rapaz, de sua virilidade, até lhe esfolarem o membro e deixar sua pele completamente arranhada e em carne viva.

Enquanto partilhavam o restante do banquete feito de rapaz, também progenitor das proles que cresciam mais rápido que o normal em seus ventres esticados, as doze entoavam um cântico sobre as dores do parto.

Quando o cântico terminou, elas disseram em uníssono:

"Que os nossos filhos feitos de medo, sacrifício e sombras sirvam ao nosso senhor" e então todas gritaram de dor ao dar à luz. Por entre suas pernas escorriam sangue grosso que inundava o solo, e sombras escuras arrastavam para fora dos corpos das mulheres agarrados as suas coxas.

Quando o último grito de parto foi ouvido, os filhos feitos de sombra se ergueram. E as mães também.

— Agora, mandem seus filhos à aldeia, eles devem guiar as criancinhas remelentas até a Árvore Torta, enquanto seguimos em procissão. Nosso mestre está para chegar.

A anciã carcomida deu um sorriso diabólico batendo a bengala no chão de turfa. Todas juntas, as sombras partiram para a aldeia, a lua já estava quase atingindo seu ápice, manchando o céu de vermelho carmim.

Os lobos ouviram na floresta, as janelas dos quartos das criancinhas foram escancaradas pelo vento, suas camas parecendo ter pulgas e seus pais dormindo em sono profundo.

Mas as vozes as chamavam para fora.

Para fora do quarto.

Para fora de casa.

Para fora da aldeia.

Para dentro da floresta.

Cada sombra acompanhando sua criança de olhos anuviados e perdidos.

Nos ouvidos infantis soava uma melodia incessante.

"Venham criancinhas, nós vamos brincar na Árvore Torta, que é encantada"

Estavam enfeitiçadas pela cantoria que as bruxas iniciaram para atraí-las. Ao chegar em frente à árvore torta, foram recebidas pelas bruxas nuas, pela anciã e pelo seu próprio

senhor. Uma figura assustadoramente alta e bela. Tão bela que até podia-se duvidar de sua maldade e inescrupulosidade.

As crianças foram levadas a ele que, com um beijo, roubou-lhes a alma e depois deu de presente os corpos vazios para suas amantes e servas.

— É com satisfação que as deixo, minhas amadas amantes. Seus sacrifícios não foram em vão, serão as bruxas mais fortes de todos os covens por estas noites escuras e cheias de horrores, sob a minha bênção.

Após banquetear-se, elas amaram seu senhor, gratas pela fortificação de seus dons.

Ao fim da celebração do solstício de inverno, quase ao amanhecer, o senhor das bruxas partiu com as almas, e as noites depois daquele dia foram ainda mais escuras.

"Noites mais longas tornam as trevas mais fortes." Elas disseram.

Pelo menos até o próximo solstício de inverno.

O pseudônimo AnneSadWalker nasceu no ano de 2017, numa louca aventura no mundo da leitura. Uma jovem na época, e agora uma mulher cheia de amarras sociais, resolveu se libertar através da escrita, viajando por diversos temas e mundos.

Instagram: [AnneSadWalker](#)

Wattpad: [AnneSadWalker](#)

Uma última dança para Rosinha

Por Manu Silva



Ilustração por: Thays Diniz (com auxílio de IA).

A primeira vez que Rosinha dançou, ela tinha catorze anos. Jovencinha feliz, única filha de seu pai e criada na boa e velha Luzerna, no interior de Santa Catarina, longe de toda a maldade dos homens. Com seus sapatinhos rosas e sua saia rodada cuidadosamente bordada pela mamãe, ela ia ao baile feliz da vida com a prima Julinha e o primo Gustavo, e ao chegar lá, prontamente aceitou o convite para dançar, que partiu por parte de Pedrinho, o rapazinho que trabalhava no sítio do lado, mas sempre que podia, acompanhava a menina até à escolinha.

Sem conhecer muito do mundo, Rosinha crescia dançando em meio às árvores que rodeavam sua casinha. Tal como as rosas, ela desabrochava a cada dia, seus bordados ficavam mais bonitos e sua comida não queimava mais. E quando Pedrinho finalmente

comprou um pedaço de terra e ergueu uma casinha, pediu a mão da menina em casamento, que prontamente aceitou. Assim, num domingo ensolarado, Rosinha arrumou pela última vez sua caminha, ajudou mamãe uma última vez na cozinha e saiu sorridente.

— Adeus doce casinha! — A jovem gritava, enquanto passava pelas plantas que, em sua imaginação, a tinham visto crescer — Adeus! Prometo não sentir saudades!

O casamento provou-se para Rosinha uma dança feliz a princípio. Todos os dias, Pedrinho dançava com ela ao som de alguma banda local, a levava para as matinês e sempre dizia o quanto a amava. Mas é claro, Rosinha não podia fazer nada de errado ou ele deixaria de amá-la.

Aos vinte anos, ela já tinha presenteado Pedro com uma filhinha, batizada de Maria, em homenagem à santinha para quem a garota rezava todos os dias. O marido, obviamente, não ficou nada contente e, então, parou de dançar com ela, e por mais que isso a entristecesse, ela sabia que era sua culpa. E agora, ela nem podia pedir ajuda à sua mãezinha, já que esta havia falecido no ano anterior, deixando-a sozinha no mundo. Seu paizinho não demorou a se juntar à esposa, e agora ambos dançavam juntinhos na eternidade.

— Pedro, por que não dança mais comigo? — Rosa perguntou, em seu aniversário de trinta anos. Naquela última década, ela se tornara tão distante do marido que chegava a temê-lo, porém, continuava a tentar ser a esposa perfeita, como sua falecida mãe a tinha ensinado. Ela também não havia engravidado outra vez, e o padre dizia que era um castigo divino, que algo a tornava uma mulher impura.

— Porque você não é digna de dançar — Pedro respondeu, com aquela carranca sempre em seu rosto. Para ele, haviam sido apenas simples palavras, mas, em seu coração, Rosa a guardou como espinhos que a machucavam tanto quanto aqueles que cercavam a igreja perto de sua casa.

Rosa nunca mais dançou com Pedro. Se tornou viúva cedo, aos trinta e três anos, graças a um descuido que levou o homem a cair no rio enquanto pescava. Com a inocência destruída pelos anos de sofrimento ao lado do homem, ela pegou Maria e se mudou para longe do interior, onde pôde observar sua filha crescer.

Ela recebia muitos convites para dançar, mas recusava todos, pensando no quão indigna era de fazer aquilo que tanto amava, o quão indigna era de ser feliz. E isso se

confirmou quando, aos vinte anos, Maria perdeu a curta vida numa aposta com as amigas de mergulhar no mesmo rio que há muito tempo tinha levado Pedro.

Aos quarenta anos, Rosa voltou para sua casa de infância, agora sozinha e perdida, sem vontade de dançar com as árvores. Com passos lentos, ela caminhou por cada centímetro do local, as lágrimas escorrendo pela face enquanto recordava tantas boas memórias que tinha dali, e como queria voltar no tempo e arrumar a cama ali novamente, ajudar mamãe a fazer chimia e cuca, e carpir o lote com o pai.

— Oh, minha doce casinha! — ela exclamou, enquanto deitava na velha cama — Não sabe o quanto me arrependo de ter partido!

A última vez que Rosinha dançou, foi aos oitenta anos. Sua memória já não era boa, e ela não se lembrava de seus tempos de mocinha. As pessoas do interior eram gentis e ela amava ir à igreja e cuidar de suas plantinhas. Numa manhã, ela acordou feliz, arrumou a cama uma última vez, fez suas amadas tarefas e abriu as portas, se deparando com uma figura encapuzada.

— Oh, Rosinha, dance comigo! — a Morte pediu alegremente. — Você é totalmente digna de dançar, de ser feliz. Você será feliz agora, minha doce Rosinha...

Não existe uma moral nessa história. A casa de Rosinha foi vendida, e a nova família que lá morou, jamais iria souber das danças que ocorreram na velha residência.

Manu Silva, natural de Santa Catarina, é uma escritora amadora desde muito jovem, criada em total contato com os livros e a arte. Já foi medalhista em algumas competições de poesias locais e também é uma grande fã do terror e histórias de ficção.

TikTok: [lunablanca_5](#)

Wattpad: [lunablanca_5](#)

Flash

Por Joalison Silva

Desempregado, largado e desconhecido como artista, Gregor se considerava o maior fracassado do século XXIII. Passava a vida confinado num cubículo de plástico e silício, como todos os cubículos do aglomerado, agarrado à esperança de um dia pintar uma obra de arte, passagens de sonhos passados, retratos de pássaros extintos, a face nobre dos plutocratas. Mas, naquele dia, seria diferente.

Tinha um compromisso. Um como nenhum outro.

Após tomar um banho, ele vestiu a calça nova, a camisa mais bonita e pegou o casaco na cama. Por fim, avaliou a própria aparência e vestiu o casaco. Perfeito. Recolheu os cartões monetários, as chaves, o presente que custara um terço das economias, apesar dele ser o aniversariante e não ela, e saiu direto para o elevador da esquina.

No mesmo instante, a porta vizinha abriu. Dona Irina e, nas palavras de Gregor, uma lata de lixo em cima de um monociclo que ela chamava de robô-ajudante, saíram do cubículo.

Gregor pressentiu na hora; vinha se queixar do filho (cuja existência ele questionava, afinal não tinha ela o perfil abandonado dos usuários de *flash*?) ou vinha pedir um favor. Em dias normais, não seria um problema, Dona Irina era uma das poucas consciências daquele abismo habitacional que o ajudara nos momentos de dificuldade financeira. Ressarcida quando possível, nunca cobrava, contudo, quanto tempo ela pediria? Se um minuto ou uma hora, ninguém poderia definir.

Ele apressou o passo e clicou no botão do elevador.

— Espera... — A velhinha ainda disse antes da grade o abraçar.

Apertado, rodeou o casulo para encarar a escuridão da cidade subterrânea enquanto subia à luz do dia.

[...]

Gregor observava o túnel à esquerda, de onde viria o metrô, angustiado.

— Por favor, que horas são? — perguntou.

— Oito e quinze — respondeu o homem ao lado. — Atrasou um pouco hoje, não foi?

Gregor assentiu. Voltou a olhar à esquerda, esperando o gorgolejo metálico característico do metrô a quinhentos quilômetros por hora. Ouviu, suspirou. Em seguida, o chiado da entrada na estação.

Ele sentou próximo à porta.

Os primeiros vinte minutos da viagem foram tranquilos. Porém, o percurso durava meia hora. Tudo poderia acontecer. E aconteceu. Assalto. Acontecia, era a dura realidade. Se ninguém reagisse, tudo acabaria bem. Gregor afundou no banco.

— Sem gracinhas! — gritou o adolescente, de sobressalto. — Quero tudo!

Melhor perder o dinheiro e chegar a tempo do que não chegar.

— Escuta, aqui. Pode levar.

— Sem graçainha! — Foi a resposta.

— Sem graçainhas — Gregor repetiu.

O adolescente virou o cartão.

— Só isso? Não tem mais nada?

— Não...

O assaltante continuou encarando, decidindo. Veio à garganta uma súplica, pela filha, matá-lo seria também matar a ela. Porém, se conteve antes de o adolescente desistir de seja lá o que planejava para continuar o assalto. Todo mundo fez igualzinho.

Cinco minutos depois, o metrô chegou à parada. E tudo desapareceu; o adolescente, o perigo, metade das economias.

Gregor percorreu o resto do caminho a pé. Já longe do perigo, retirou o segundo cartão da meia com a outra metade das economias e pôs no bolso.

[...]

Chegando ao edifício, as pernas cambaleavam e ele suava como nunca. A ansiedade sussurrava e ele retrucava. A filha, falavam dela. No fim, discutiram. Gregor venceu, mas ficou duvidoso quanto à vitória.

[...]

Enfim, estava na porta. Passou a mão rente a tela à esquerda.

— Boa noite, senhor — disse a porta. — Em que posso ajudá-lo?

Gregor riu ao ouvir aquilo. Deu uma última arrumada no cabelo. Respirou fundo.

— Avise à Nina que estou esperando.

Uma pausa.

— Desculpe. As diretrizes impedem a comunicação direta com os menores da casa sem a autorização prévia dos responsáveis. O senhor e a senhora Orlov estão em casa e a mensagem foi transmitida aos dois.

— Que besteira é essa? — Gregor enrugou a testa. — Anna, abre a porta. Que conversa é essa que não posso falar com a minha filha, IA idiota? Eu sou o senhor Orlov. Nina! É o papai!

Impaciente, começou a bater na porta. Lera em alguma revista que aquilo abria portas nos séculos passados. A porta, contudo, seguiu fechada. Foram longos minutos até uma fresta se abrir.

Um homem com seu ar de gente importante o atendeu, pondo-se na frente para impedir a entrada. O novo namorado de Anna, deduziu. Por sorte, era do tipo magro e Gregor conseguia enxergar o suficiente pela fresta para ver a princesinha de olhos brilhantes, em seu vestidinho rosa, o favorito dela, colada nas pernas da mãe.

Gregor abriu os braços.

— Oi, princesa, papai veio te buscar — disse, sorrindo, mas, para sua surpresa, a menina não se mexeu.

Pior ainda, Anna o fitava de forma estranha, igual ao namorado. Ambos tarjando-o de fracassado. Não, de outra coisa. Os olhos da menina faiscavam de medo. Gregor sentiu um aperto no peito.

— Nina, é o papai. — Sem resposta, apertou os dentes. — Anna, o que você disse a ela, hein? É minha filha. Não importa se a gente...! Ela ainda é minha filha!

Ela não respondeu, a expressão confusa. Já o namorado avançou um passo, e disse:

— Não sei o que você usou, mas é melhor sair da minha porta. Ou... Ou, vou chamar a polícia!

Gregor não deu ouvidos. Tentou atravessar aquele homem, mas a tangibilidade do mundo o atingiu em cheio, bem no queixo. Do tipo magro, porém forte. Quando conseguiu se levantar, a porta estava novamente fechada e assim continuou sob as pancadas. A polícia chegou pouco tempo depois.

[...]

— *Flash* — repetiu o policial. — Quem diria que uma droga feita de memória roubada faria tanto sucesso. É bom, não é? Uma memória feliz vale muito. Pena que uns malucos esquecem quem são, e... Bem, uma mulher matou a amante do suposto marido mês passado. Enfim. Quer falar com alguém?

Quase às lágrimas, num esforço inútil, Gregor perguntou:

— Posso falar com a minha filha?

Joalison começou a escrever há algum tempo, após acumular inúmeras histórias que por ironia ainda não foram escritas. É apaixonado por contos e por tal escolheu participar dessa revista. Ele também ama gatos.

Saturno

Por Ellen Fernandes



Ilustração por: Thays Diniz e Allan F. F. Gouvea (com auxílio de IA).

— Eu só queria desintegrar, e me tornar poeira nos anéis de Saturno.

E foi assim que ela o conheceu. O rapaz parecia estar mais que derrotado. Estava sujo, rasgado, óculos quebrados, e tinha sangue escorrendo no canto da boca. Não parecia lamentar exatamente a situação, mas algo mais que ela ainda desconhecia.

— Precisa de um médico?

Levou as mãos ao peito sem saber se deveria se aproximar de um homem alto e, digamos, um tanto chateado, o que era de se esperar.

— Não. Mas se você tiver uma sonda que possa me atirar direto no limite de Roche. Eu agradeço.

Pedro suspirou, falar de astronomia para qualquer pessoa geralmente cumpria o efeito de fazê-las correr de si mais que a altura avantajada.

— Nossa, não sei o que te ocorreu, porém acho muito desumano se desintegrar assim. Pergunta que não quer calar, é fã do astrônomo francês Édouard Roche, ou só de Saturno mesmo?

A curiosidade aumentava conforme o rapaz parecia mais incomodado com sua aproximação. Estava segura, o objetivo do rapaz era apenas lhe afugentar.

— Fã de ser esquisito e de me meter onde não devo, achei que depois dos anéis de Saturno eu podia ter uma existência empírica, pelo menos celeste.

— Você é o aluno novo de filosofia. — A loira matutou, aquele rosto não lhe era desconhecido. — Não sabia que curtia astronomia também.

— Novo? Faz um ano que estou aqui. Uma merda de ano. E estudo arqueologia. Sério que nem crescer feito uma girafa descontrolada me fez ser notado? — os olhos doíam. — E você quem é?

— Sério que não me conhece? — A loira franziu a testa, descrente. Popular era um apelido pálido para ela e seu grupo.

A cabeça latejando não só pelo soco, mas pela quantidade considerável de álcool ingerido, ele sentiu aquele cheiro conhecido, porém nem tanto.

— Eu não estou vendo nada além de um borrão. Eu tenho muitos graus, e uma fotofobia severa, por isso os óculos especiais, e a minha cabeça está doendo. Eu me chamo Pedro Nogueira.

— Então, o que aconteceu com você, Pedro Nogueira? — perguntou sendo óbvio que o rapaz se envolvera em uma briga.

— Minha cara encontrou os punhos de Bruno Angeli. Nerds idiotas não deviam tentar ir a festas populares.

Lorena lamentou, como podia ela ser atingida pela covardia de Bruno quando nem com ele estava.

— Oh, mas não pense assim. A terra gira... — se esforçou para conter a própria raiva.

— Neste momento, com dor, óculos caríssimos quebrados, vai que eu sou terraplanista, e a terra não gira, capota? — Ignorou o fato da moça não ter dito o nome.

— Ninguém que fale de limite de Roche e existência empírica, é terraplanista. Então, Pedro, como eu posso te ajudar?

— Me levar a um ponto de ônibus, e me ajudar a entrar no ônibus certo. Seria possível?

— Aí deu ruim, a essa hora nada de ônibus, mas se me der a grana da gasolina te levo em casa. — Ela removeu aquela culpa que a ligava a Bruno Angeli.

Lorena se adiantou nos primeiros socorros, colocou colírio simples em seus olhos sensíveis e prendeu uma gaze sobre eles.

Pedro se sentia inebriado pelo perfume singelo com notas cítricas. Ele já tinha sentido, mas em quem? Deixou-se guiar e cuidar pelas mãos macias, até chegar ao carro. Entrou inalando muito mais daquele cheiro inebriante e sedutor. Aquilo ficaria guardado para sempre na memória.

Já Lorena, se perguntava o motivo de ajudar um desconhecido. A verdade era que a faculdade e sua vida amorosa falida tinham consumido as horas, deixando um rastro de destroços, que o cabelo hidratado, o sorriso brilhante e a pele de pêssego escondiam muito bem. Talvez o motivo fosse que ela também havia desejado ser poeira nos anéis de Saturno.

Chegaram diante do pequeno prédio simples, estacionou e saiu do carro para escoltar seu paciente até o apartamento. Ao entrar, se surpreendeu. Era pequeno, com poucos móveis, mas muito limpo e organizado, e havia plantas muito bem cuidadas.

— Então, quer tomar um banho antes que eu vá, já que pode acabar se machucando?

— Eu estou acostumado com cegueira temporária, moça. Se quiser ficar podemos pedir algo para comer. Enquanto eu tomo banho você pode ficar à vontade. — Ele saiu, tateando, e ela se apressou a ajudá-lo.

Pedro não recusou o mimo, gostava do toque, na verdade gostava de tudo na mulher que nem sabia o nome. Gostava do toque, do cheiro, da voz, da conversa tranquila.

Lorena tinha deixado o moreno no banheiro, pediu comida, e então lembrou que não tinha visto toalha em lugar algum. Abriu as gavetas e achou toalhas limpas, e se viu entrando no banheiro sorratamente ao invés de alertar o rapaz da sua invasão.

E ali, diante dos seus olhos, estava Pedro, nu e molhado, ainda com a fita apertada ao redor dos olhos. Porém, o que a manteve estática, presa ao chão, foram as costas largas e fortes, e a bunda redonda...

“Por Deus Lorena!”

A comida logo chegou e, como se houvesse uma amizade, conversaram sobre aleatoriedades. E quando se deram conta, já era quase madrugada.

Lorena aceitou o convite para ficar, os dois exaustos se renderam rápido ao sono, Pedro procurou pelo cheiro que não conseguia ignorar e Lorena ronronou satisfeita pelo calor que a envolveu.

Quando Pedro despertou, a venda já não cobria os olhos, que pareciam estar muito melhor, como em toda manhã. Buscou pelos óculos reservas e se surpreendeu ao encontrar Lorena Medeiros, a namorada de Bruno Angeli. O universo era bem sacana. Os anéis de Saturno pareciam realmente uma boa ideia.

Já Lorena, acordou disposta a uma loucura ou duas. E quando ele se moveu, os lábios da loira se encontraram com os seus em uma breve carícia.

— Só pra saber, o soco você já levou, me faça desintegrar...

— Tal qual a gravidade de Saturno? — Pedro brincou. Seu corpo grande e forte invadindo o espaço.

— Desintegrar e queimar. — Ele afirmou. — Meu saturno!!!!!!

Ellen Fernandes é uma cearense pra lá de arretada, que acabou se aventurando em terras paulistas. Empreendedora no mundo das plantas ornamentas, é MEI no comércio varejista desse ramo. Desde seus tenros dez anos de idade - e acredite, isso foi há muito tempo, mais do que ela gostaria de admitir - Ellen descobriu sua paixão pela escrita. Tem uma queda especial pela magia da escrita em poucas linhas.

Instagram: [ellennfer8](#)

Inkspired: [Ellen Fernandes](#)

Impura

Por Carol Soares

“Eu sinto muito Senhorita Yeon mas não tem nada que eu possa fazer para rescindir seu contrato do apartamento”. A mulher no outro lado da mesa diz para mim. “Não ao menos pelos próximos seis meses.”

Ela soa como se sentisse muito mesmo, porém sei que além do pesar há também uma irritação contida. É a terceira vez que ela fala comigo em cinco dias, eu estou sendo irritante e insistente, não estou sendo a cliente dos sonhos que ela sempre disse que eu era, aquela que alugou o primeiro apartamento que ela mostrou e sempre pagava adiantado nos últimos três anos e que dois meses antes tinha assinado o contrato de renovação de aluguel aceitando todos os reajustes sem fazer nenhuma exigência. Eu posso sentir uma certa vergonha por isso, e também vergonha do simples fato de sentir vergonha, de me importar com o que essa mulher com quem interajo apenas por motivos de negócios pensa de mim. Mamãe não se sentiria dessa maneira, ou nenhuma das minhas irmãs. Eu não posso deixar de pensar que no meu lugar elas teriam conseguido a droga do contrato rescindido, mas é claro: antes de qualquer coisa, nenhuma delas estaria nessa situação.

“Se o problema é dinheiro, talvez nós poderíamos negociar parcelas ou algo assim” ela diz.

“O problema não é dinheiro. Eu só quero um lugar mais perto da faculdade. Apenas isso.”

Ela olha para mim como se não acreditasse. Eu não sei o que é sobre mulheres mais velhas que sempre faz com que elas consigam ver através de mim. Ela pode ver que eu estou mentindo, embora esteja errada sobre o porquê.

Ela riria se soubesse a razão. E provavelmente não entenderia. Em muitos níveis, eu mesma não entendo.

Eu devia estar acima dessas coisas...

Porém, cinco dias atrás quando, ao invés de ir para a aula como eu tinha planejado ao sair da cama naquela manhã, eu fui até a imobiliária e pedi para ser liberada do contrato do meu apartamento. Porque ao sair de casa eu conheci meu novo vizinho. Ele sorriu para mim entre as caixas de mudança, se apresentou, colocando-as no chão apenas para apertar

minha mão, havia suor escorrendo por sua testa e podia ver a pulsação na artéria do seu pescoço. Então sorriu, e desde aquele momento eu não consegui parar de pensar nele. Na pele dele, no seu pescoço, em como sentiria tê-lo debaixo de mim.

E por causa disso eu tenho que ir embora daquele lugar.

“Eu entendo, obrigada por tentar.” Eu digo finalmente e saio.

Nos últimos dias eu tenho ficado em um quarto de hotel no outro lado da cidade, mas à noite eu vou ter que voltar para o apartamento. Senhora Gabino, que vive no final do corredor, tem uma chave extra para o apartamento para casos de emergências, porém disse que não vai poder alimentar o meu cachorro, Rufus, meu cachorro como fez ao longo dos últimos dias devido a uma viagem de trabalho e não posso deixá-lo passar fome só por causa dos meus vergonhosos desejos pessoais.

Quando chego no prédio uso as escadas em vez do elevador, a cada degrau penso nele... não no meu cachorro, mas no homem do apartamento ao lado, em tocar sua campainha, me jogar nele e esperar pelo melhor. Mamãe sempre disse que ia acontecer um dia e eu não acreditei, eu acreditei que talvez esse tipo de desejo não havia sido passado para mim, que talvez eu poderia realmente ser pura.

Chego e Rufus vem até mim, lambe meu rosto enquanto seu rabo balança, quando eu pensava nele aqui pensava apenas em coisas como água, comida e as fezes no jornal para serem limpas, mas agora percebo que ele deve ter ficado bem confuso pela minha ausência.

“Eu sinto muito, querido.” Digo e afago atrás da orelha dele.

Coloco a comida no potinho, troco a água e coloco os jornais sujos em uma sacola e substituo por novos. E por um segundo me sinto muito bem a respeito de mim mesma. Aí eu ouço passos no corredor do lado de fora do apartamento e mesmo antes de olhar pelo olho mágico da porta eu sei que é ele, eu o vejo procurando as chaves em seus bolsos por uns segundos antes de encontrá-las no bolso de trás do jeans e sei que eu estou verdadeiramente perdida porque invejo as mãos dele por poderem tocá-lo tão facilmente, tão casualmente.

Minhas mãos vão para a maçaneta antes que eu possa pensar.

Ele sorri novamente quando me vê. E isso sela o destino dele.

“Oi vizinha, não te vi nos últimos dias.”

“Oi. Eu poderia, por favor, usar o seu banheiro? O meu está com alguns problemas de encanamento.”

“Claro, sem problema.” Ele diz e me dá aquele sorriso que condenou a nós dois.

Só tenho autocontrole o suficiente para esperar até que ele feche a porta. Então eu estou em cima dele, meus dentes rasgando sua garganta e o sangue arterial explodindo a minha volta, me preenchendo, me fazendo completa. Ele tenta gritar, porém a pressão que faço é forte demais para qualquer som conseguir escapar, e logo ele perde a consciência, e eu continuo bebendo e bebendo. Minha fome sendo satisfeita e me transformando em algo novo.

Mamãe sempre disse que eu saberia desde o primeiro momento que eu o conhecesse, o primeiro homem que eu mataria.

Como aconteceu com ela, e com minhas irmãs, e com todas as antepassadas que andavam entre nós. Alguns daqueles como nós são feitos, em na nossa família, porém, nós temos o privilégio de ser uma dinastia; nascemos e crescemos na luz, mas nós viemos de sombras e às sombras sempre retornamos.

Quando eu me sinto cheia continuo deitada ao seu lado, ele ainda está meio quente apesar de seu coração já ter parado de bater. Eu sinto uma pontada de culpa, mas não tanto como passei a minha vida inteira imaginando que eu sentiria. E maior do que a culpa, me sinto grata por ele, por ter sido meu primeiro, por ter feito fácil para mim. Haverá outros, mas duvido que o sangue deles terá um gosto tão saboroso quanto o dele.

Quando o sol se pôr, liguei para minha mãe e ela virá junto de minhas irmãs me ajudar a limpar a bagunça. Irão me abraçar e finalmente vou ser completamente uma delas.

Eu noto no canto que algumas das caixas da mudança ainda estavam seladas.

“Eu sinto muito querido.” Digo e afago atrás da orelha dele.

A pele dele está começando a ficar fria, porém seu sangue, que ainda corre dentro de mim, me mantém aquecida por nós dois.

Carol Soares é autora do livro de contos O Monstruoso Feminino e teve contos publicados na antologia Conto Brasil, ela tem trinta anos e mora em Teresópolis no topo de uma montanha cercada por livros e gatos.

Linktree: [Carol Soares](#)



Aqui chegamos ao fim de mais uma edição d'O Autômato. Agradecemos aos que apreciaram nosso trabalho e esperamos que, ao lerem nossos contos, tenham encontrado valor nas palavras apresentadas. Se você gostou, compartilhe com sua família, amigos e conhecidos, assim você nos ajuda a aumentar o alcance da revista e incentiva o trabalho de autores nacionais. Nos siga também no nosso Instagram, onde publicaremos atualizações sobre o projeto.



Até a próxima edição!